

O AMOR CORTÊS: UM DESEJO DE CONTENÇÃO?

Cássio Eduardo Soares¹

É impossível duvidar de que exista a mais íntima das relações entre esses dois sentimentos opostos e a vida sexual, mas naturalmente relutamos em pensar no amor como sendo uma espécie de instinto componente específico da sexualidade, da mesma forma que os outros que vimos examinando. Preferiríamos considerar o amor como sendo a expressão de toda a corrente sexual de sentimento... (*Freud*).

[...] o amor, certamente, faz signo, e ele é sempre recíproco” (Lacan).

Resumo: Este ensaio tem como objetivo discutir o amor cortês a partir de uma interlocução da Análise do Discurso com a Psicanálise, seguindo a lógica discursivo-analítica do desejo de contenção. Toma, ainda, como orientação analítica, as noções de sublimação e interdito como paradigmas do amor cortês. A partir dessas discussões, constata-se a presença de traços do amor cortês na contemporaneidade com seus efeitos e com os impasses que ele provoca frente à liquidez das parcerias amorosas atuais.

Palavras-chaves: Amor cortês; contenção; sublimação; paradigma; subjetividade.

COURTESY LOVE: A DESIRE FOR CONTENTION?

Abstract: This essay aims to discuss courteous love from an interlocution of Discourse Analysis with Psychoanalysis, following the discursive-analytical logic of the desire for containment. It also takes, as an analytical orientation, the notions of sublimation and interdiction as paradigms of courteous love. From these discussions, it is possible to notice the presence of traces of courteous love in the contemporary with its effects with the impasses that it provokes in the face of the liquidity of current love partnerships.

Key-word: Courteous love; containment; sublimation; paradigm; subjectivity.

¹ Doutorado em Estudos Linguísticos (UFMG). E-mail: cassioedu@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO

Uma das marcas da sociedade contemporânea é a prevalência do individualismo de massa². Essa forma de expressão torna-se mais evidente nas manifestações da vida amorosa dos jovens em que a fluidez, a volatilidade, a transitoriedade e a liquidez inauguram uma inovação nos modos de relação entre os pares sexuais. Por um lado, destaca Milner (1997), a modernidade possibilitou certas mudanças no campo do amor, do prazer e do ato sexual, permitindo o entrelaçamento desses entes. Por outro, Jacques Lacan (1960) sustenta que o amor cortês delimita uma erótica masculina como um tratamento possível que o homem pode dar ao feminino.

A Arte de amar, de Ovídio Naso, apresenta uma doutrina sobre a técnica amorosa e sustenta que o amor, enquanto técnica, pode ser aprendido. Algumas ressonâncias do texto de Ovídio se fazem escutar no amor cortês e se pode mesmo afirmar que a retórica cortês se inspira na Arte de amar. Se os versos de Ovídio foram escritos como um pequeno tratado para “libertinos” ensinando onde, em Roma, as mais lindas mulheres são encontradas, ao final de seus três cantos faz “[...] uma evocação direta do que não se pode chamar senão de fórmulas de uma brincanagem na cama” (LACAN,

² O termo “individualismo de massa”, com a conexão de dois termos conflitantes e contraditórios, refere-se a um modo de interpretar a maneira subjetiva de organização da sociedade contemporânea. Trata-se, assim, da presença de um individualismo não aos moldes daquele da modernidade, mas de um individualismo exacerbado, em que cada indivíduo é um centro de um único e mesmo círculo, o que lhe confere o seu aspecto de massa. Dito de outra maneira, refere-se aos modos de satisfação encontrados de maneira exacerbadamente individual mas que, ao mesmo tempo, encontram-se massificados. talvez a interatividade promovida pelos novos aplicativos e redes sociais seja um bom exemplo, pois o sujeito encontra-se sozinho, gerenciando suas própria vida e escolhas mas, ao mesmo tempo, encontra-se massificado pelas imposições que a própria rede constrói; ou, ainda, a lógica do “a fila anda” presente nas parcerias amorosas contemporâneas, em que os sujeitos podem facilmente trocar de parceiros mas continuam a se queixar da solidão na multidão. Para maiores informações, conferir: SLOTERDIJK, Peter. O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

1960, p.190), promove uma arte do fingimento e equipara as estratégias do amor às estratégias militares³. A arte de amar concorreu, acreditamos, para despertar a educação das cortes e dos castelos dos senhores feudais e também despertou o gosto pela delicadeza, pelas boas maneiras, criando formas de sociabilidade que concorreram para melhorar as condições de vida aristocrática e amenizar a rudeza e a barbárie com a introdução de uma prática dos semblantes que harmonizava pudor e galanteria nos jogos de cortesia. Com um consenso que surge em uma determinada época da história em torno de um ideal, para um certo círculo, baseou-se em uma moral que culminou em uma série de comportamentos derivados da lealdade e de serviços exemplares de conduta e inaugurou um novo modo de amar.

Dessa maneira, pode-se pensar que o amor possui uma dimensão sócio-histórica, que a cultura entra em causa e é a causa mesma do amor. De modo geral, toda narrativa que conta o que se passa ou o que se passou institui o real e fala em nome de uma instituição. Entretanto, o real representado não corresponde, segundo Certeau (2002), ao real que determina sua produção, podendo ele mesmo ocultar o aparelho social e técnico que o produziu. É nesse caminho que a nova história se apropria da literatura e outros discursos tidos como periféricos para reconstruir um certo real que a historiografia construiu. Para tanto, combina ciência e ficção. É seguindo o fio deixado por Certeau que é possível tratar da lógica prescritiva que a literatura elaborou nos tempos para, ao mesmo tempo, dar conta dos discursos sobre o amor que circulavam na teia social e ainda construir um certo imaginário amoroso. Com este raciocínio, é possível argumentar que o amor no Ocidente surge a partir de um ato

³ Talvez, para Ovídio, as mulheres de Roma não fossem lá muito cômodas ... daí esta aproximação do “serviço do amor” ao “serviço militar”.

inaugural, que Denis de Rougemont (1988) localiza na estória de *Tristão e Isolda*, no século XII⁴.

Assim, este ensaio tem como finalidade discutir alguns elementos do amor cortês, expressão cunhada por Gaston Paris em 1883 para se referir a um conjunto de modos praticados na era medieval, no estabelecimento de relações amorosas, com vistas a enaltecer o amor - enfatizando o desejo de contenção por ele inaugurado, assim como sua lógica prescritiva. Seguiremos o percurso lógico defendido por Jacques Lacan para designar o modo refinado de suprir a ausência da relação sexual exercida pelo amor cortês segundo o paradigma da sublimação, ainda que tal aproximação possa parecer anacrônica. No entanto, conforme tentaremos expor, traços do amor cortês permanecem presentes na lógica amorosa atual.

Um desejo de contenção na corte?

Considerado como um novo e esplendoroso amor (ROUGEMONT, 1988) surgido no século XII, no qual o cavaleiro oferecia palavras de embriaguez de seu amor a uma dama inacessível, o amor cortês inaugura, em seu tempo, uma nova mulher, uma vez que lhe garante o poder da réplica e, com isso, o direito à fala, ao discurso. O amor cortês é, então, um tipo de amor que se diferencia do amor grego, uma vez que coloca a mulher em causa, pois não se trata aqui do amor marcado como a forma a ser exaltada por acontecer entre um homem e um rapaz, mas um tipo de amor que se constitui como a tomada da mulher em causa. Se no classicismo grego o homem desejado é aquele que demonstra bravura e o amor é “desencadeado” pelas virtudes viris, pela temeridade e pelo

4 Rougemont toma Tristão e Isolda como um tipo de narrativa que esclarece relações sociais e amorosas e não como obra literária. Para ele, tal narrativa tem o valor documental, embora suas provas assumam no livro um caráter mais ilustrativo que demonstrativo: “Ora, proponho-me a considerar Tristão não uma obra literária, mas um tipo de relações entre o homem e a mulher num determinado grupo histórico: a elite social, a sociedade cortês e imbuída de cavalaria dos séculos XII e XIII” (ROUGEMONT, D. 1988; p. 20).

heroísmo, conforme sustenta Rougemont (1988), esse modo de amar sofreu a influência civilizatória do amor cortês, uma vez que institui a sublimação da pulsão sexual associado pela lírica da amada. No lugar do heroísmo guerreiro, tem-se o “heroísmo” poético e a exaltação galante e, com isso, o amor cortês promove uma espécie de refinamento nas aparências impostas pelos padrões de sedução que aí surgiram.

Ovídio (2007) afirma que a mulher deve se esforçar para alcançar o amor de seu amado e senhor. No amor cortês, ao contrário, a dama é colocada em uma posição inacessível e “santificada” e o amante apaixonado deverá exercer estratégias para alcançá-la. A dama inalcançável e o amante que canta e sofre até enlouquecer ou morrer é uma das figuras mais comumente associadas ao amor cortês e o ambiente em que a dama vive deve ser um ambiente calmo, doce e sempre habitado por trovas e canções. Um certo número de exigências presentes no amor cortês o configura como um amor dificilmente acessível, mas não inacessível, pois não se trata de um amor platônico. É em função disso que não se pode ter amor no casamento, pois, ali, a realização de tal desejo já é possível. É por isso que é necessário convocar um jovem solteiro para estabelecer a corte à dama e, ao mesmo tempo, criar um jogo que pode levar a um adultério sutil e exaltado.

Como uma figura divina, a mulher é idealizada:

“Quando a vejo reconheço-me
Nos olhos, no rosto, na cor,
Pois tremo de medo como a fo-
lha ao vento.
Uma criança tem mais juízo que
eu
De tal modo me sinto possuído
pelo amor
E de um homem vencido desta
forma
Bem poderia uma dama ter
grande piedade”

O poema de Bernard de Ventadour (1150 – 1180 d.C.) inscreve-se na lógica cortês e demonstra uma conduta masculina refinada e educada em relação à mulher. Por outro lado, André Capelão, autor de importante código do amor cortês (1184/2000), amor e casamento não se combinam, pois os cônjuges se têm de maneira gratuita, são obrigados a obedecer às vontades recíprocas e desconhecem o ciúme. Se não há nenhum esforço por parte do homem para obter a amada, não há amor verdadeiro no casamento, pois Capelão não concebe o amor sem uma ética rigorosa que leva o amante a observar suas virtudes, a querer aperfeiçoar-se e superar-se. Com valores hostis ao casamento, o clérigo elabora uma doutrina do amor codificada em uma obra amplamente influenciada por Ovídio com a clara intenção de apregoar os valores criados nas cortes e com isso defende que a *Ars amatoria* não é acessível ao comum dos mortais e não tem nada de platônico. Pelo contrário, tal amor é bastante carnal e só é obtido por etapas. Nesse ponto, encontramos as primeiras prescrições do amor cortês: a primeira etapa consiste em *dar esperanças*; a segunda, na *oferta do beijo*; a terceira consiste na *fruição dos abraços mais íntimos*; a quarta, na *entrega total da pessoa*. Se a carne está em jogo, no entanto, com seu caráter civilizatório, o amor cortês encontrado em Capelão diferencia o amor em *Purus* e *Mixtus*, sendo que no puro o caráter sublimatório é mais evidente e relaciona-se às questões espirituais ou do coração e o máximo de contato se encerra com o beijo na boca ou um contato físico comedido, embora a amante possa estar nua. Como se vê, é um tipo de amor carnal que, no entanto, se esquivava da união sexual. O amor misto, por sua vez, inclui todos os elementos da realização do ato sexual: “realiza-se em todos os prazeres da carne e tem seu ponto culminante no ato último, obra de Vênus” (CAPELÃO, 1184/2000; p.

106)⁵. O que se extrai disso é que o amor cortês proíbe “fazer amor” sem amor.

Como se sabe, com o fim do Império Romano e a barbárie que se instalou na Europa, o amor cortês atendeu os ideais civilizatórios desejados pela nobreza e Capelão exerce, com seu tratado, uma função importante, pois possui uma autoridade quem vem do alto – é membro do clero e coloca-se como representante de Deus na terra –, conhecedor das Letras – foi educado na melhor tradição escolástica – e com isso pode ensinar uma ciência do bem amar que se opõe à paixão instintiva que toma conta dos homens em sua busca pela satisfação sexual. Assim, sua ciência do bem amar relaciona-se a um exercício constante da razão, da sabedoria, do conhecimento e do domínio de si. O caráter instrutivo de seu tratado ancora-se em uma representação construída pela nobreza de que só o homem virtuoso é merecedor do amor e, como efeito do amor, ele porta-se com cortesia. Assim, o *Ethos prévio* de Capelão garante-lhe o reconhecimento diante de seu interlocutor e, ainda, o *Ethos discursivo*, da mesma forma que em Ovídio, consiste em construir provas argumentativas que garantirão os efeitos visados por Capelão.⁶

Em síntese, Capelão ensina como ser homem, como ser mulher, como amar e conservar o amor. Apregoa não só a importância do amor, mas como amar, como ser cidadão, como fazer-se amar e, sobretudo, como manter-se imune às artimanhas da paixão a fim de evitar a despossessão, conforme pode ser visto nos enunciados abaixo:

5 Todas as citações de Capelão referem-se à edição de 2000, embora o livro tenha sido escrito por volta de 1184 d.C.

6 De maneira sintética, o *ethos* refere-se à imagem construída pelo orador. São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório, visando uma boa impressão. Trata-se, assim, de escolhas linguísticas que o enunciador realiza e de alguma maneira entram na empreitada construtiva de sua imagem. Para maior compreensão acerca do tema, conferir: MAINGUENEAU, D. “Éthos, cenografia, incorporação”. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

A mulher atilada, portanto, esforça-se por tomar como amante um homem que se possa louvar pela excelência dos costumes, e não alguém que se arrebique como mulher ou que passe longo tempo absorto nos cuidados como corpo. **Pois não convém** a homem nenhum ornar-se como mulher ou dedicar-se aos cuidados de beleza. (p. 18- 9, grifo nosso)

“Pretendes um lugar entre os cavaleiros, mas percebo em ti muitas coisas contrárias e prejudiciais ao serviço da cavalaria. Os cavaleiros devem, **naturalmente**, ter pernas longas e finas e pé pequeno, mais longo que largo, como se modelado pela arte...” (p.56, grifo nosso);

“**Não deve** trocar de ninguém, muito menos dos desafortunados; **não deve** ser irascível ou propenso a contendas mas, na medida do possível, tentar apaziguar as dissensões”. (p.60, grifo nosso);

“**Deve** cuidar com moderação da aparência. **Deve** mostrar-se discreto, tratável e amável com todos, ainda que alguns acreditem agradar mais as mulheres coisas estúpidas, que chegam às raias do absurdo, e ao agirem como insensatos”. (p. 60, grifo nosso).

Os enunciados destacam um campo lexical *da ordem*, que busca modular o comportamento dos homens. Assim, artigos do modo de ser homem são construídos por Capelão e incluem o não-excesso com o cuidado, a não-avareza, a gentileza, o domínio próprio, a discrição, a coragem, a devoção à sua amada, etc.

Ao apresentar ainda um modo de ser mulher, capelão promove a hegemonia discursiva da sublimação cortês e a ideia de que a virtude deve prevalecer sobre qualquer coisa. Tais fatos também podem ser depreendidos a partir das marcas linguísticas existentes em sua obra.

Mas se vires uma mulher com excesso de arrebiques, não te deixes seduzir por sua beleza antes de teres certeza de que ela não frequenta lugares de prazer, pois a mulher que só conta com o poder de sedução de seus arrebiques não costuma ser ornamentada por muitas virtudes. (p.19) (grifo nosso).

... mas, como *é pouco distinto* uma mulher de minha condição usar termos ofensivos e descorteses contra quem quer que seja, minha alma suporta com paciência tuas palavras insensatas, e eu te respondo com calma. (p.39) (grifo nosso).

Ademais, uma mulher que tenha algum caráter ou alguma virtude **não deve amar pensando em voltar atrás** depois de enveredar pelo caminho do amor, por causa das palavras vãs do povo ou das suspeitas espalhadas por espiões... (p.105) (grifo nosso).

Ao ensinar como ser homem e mulher, como ambos devem portar-se nas “coisas do amor” e como o amor deve superar a paixão, em sua lógica interna, a formação discursiva predominante é a que destaca a cultura da cortesia. Sendo assim, o imaginário medieval é construído a partir da figura idealizada da Dama, que ocupa o lugar de uma deusa, de uma divindade e a confirmação de que o casamento se dá para assegurar a herança e a linhagem.

Finalmente, em Capelão encontramos os percursos semânticos mais evidentes do amor cortês: segredo, idealização da mulher amada e comedimento. No percurso semântico do segredo, Capelão afirma que quem quiser manter o amor inabalável por muito tempo deverá, sobretudo, tomar o cuidado para não revelar o nome da mulher amada e mantê-lo em segredo: “quem desejar manter o amor intacto por muito tempo deverá cuidar, antes de tudo, para que ele não seja divulgado e mantê-lo oculto dos olhos de todos. Pois, assim que várias pessoas começam a conhecê-lo, ele deixa de desenvolver-se naturalmente e entra em declínio” (op. cit, p. 211). O que promove o segredo é o temor em perder o amor e a angústia que a perda e a inacessibilidade à reconquista do objeto amado promoviam. No percurso semântico da idealização da figura feminina, Capelão (op. cit, p. 113) ilustra:

O mundo inteiro celebra vossa beleza e a vossa sabedoria, e até os confins da terra os ensinamentos se nutrem da menção das virtudes de que sois dona, como se fosse um alimento tangível. E agora vejo claramente que nenhuma palavra humana poderia descrever essa beleza e essa sabedoria, e que nenhum espírito humano poderia concebê-los.

Notamos, na citação acima, que os defeitos femininos são apagados e as virtudes glorificadas e supervalorizadas, o que torna a mulher tão sublime quanto o amor em si.

O percurso semântico do comedimento demonstra a necessidade de domínio e moderação e aponta para a necessidade do amante abster-se de qualquer excesso em qualquer sentido, seja no vício, seja no cuidado com a aparência, seja na generosidade ou na paixão amorosa, conforme vemos em Capelão: “[a paixão] deverá ser absolutamente condenada...”(p.51); [...] “o excesso de paixão impede o amor porque há homens que são escravos de desejos tão impetuosos que o amor não pode retê-los em suas redes” (p. 15).

Segundo Solé (1991) o amor cortês confere às relações entre homens e mulheres uma efusiva exaltação espiritual e carnal e se constitui como uma decisiva inovação literária e social. Tal inovação impôs uma diferenciação social importante, uma vez que passa a exigir do amante uma posição de submissão à dama e a definir, além disso, certo modo de ser homem, com características peculiares: coragem, lealdade e generosidade. Tal homem corajoso, leal e generoso deve se traduzir em um serviço essencialmente feudal, ou seja, o homem se coloca numa posição de vassalagem em relação à dama⁷. De acordo com esse autor, o amor cortês promoveu a emancipação feminina e, mais ainda, valorizou o amor feminino. Para ele, a submissão incondicional do homem à dama implica também na elevação idealizada da mulher amada, colocando-a em um plano quase divino. É

⁷ É importante destacar que a palavra “dama” deriva do latim *domina*, aquela que domina. Cf.: ZINK, 1993,p.47.

nesse sentido que se pode dizer de uma valorização do amor feminino pelo amor cortês, conforme destaca ainda Rosa (2010) . Como consequência, segundo Solé (1991), causou desconforto no seio da igreja católica. Assim, o amor cortês surge em uma época cujas coordenadas históricas revelam que nada teria equivalência com o que se poderia chamar de “uma liberação da mulher”, no sentido literal do sintagma. Se nas sociedades feudais, a mulher correspondia exatamente às funções de troca social e era excluída enquanto sujeito, esta maneira de considerar o amor, conforme já dito, eleva sua condição social.

Em síntese, do ponto de vista de sua retórica, mas também do ponto de vista das relações entre homem e mulher na corte, o amor cortês é aquele que conseguiu equilibrar a relação entre o corpo e a alma, entre o sexo e o espírito, entre a carne e o afeto e “[...] continua sendo o dom imperecível que, (...), aquela civilização deixou à sensibilidade humana” (LE GOFF, 1989, p. 117). Enquanto herança deixada para a modernidade, o “fino amor” traz a marca dos temas feministas, carnais e espirituais pois coloca em xeque a ideia de casamento.

Duby (1991), em um ponto de vista diferenciado, sustenta que o amor cortês não exalta a mulher, mas, ao contrário, o ambiente de homenagens, de lugar de desejada dá a esta uma falsa ilusão de superioridade quando, de fato, o amor cortês a coloca em uma posição de mero objeto. Por quê? Porque o amor cortês é um jogo de homens e o que está em jogo é o desejo masculino: “A cortesia mais ainda que o casamento, faz da mulher nobre um objeto” (p.217)⁸. De fato, a dama é frequentemente invocada por um termo masculinizado⁹ e é apresentada com caracteres que a despersonalizam.

No dizer de Duby (1991), diferentemente dos autores citados anteriormente, o amor cortês

⁸ Livre-tradução nossa de: “[...] la courtoisie, plus encore que le mariage, fait de la femme noble de un objet”.

⁹ *Mi Dom*, ou seja, meu senhor.

inaugurou não necessariamente um novo modo de amar, mas um novo modo de narrar o amor que serviu para reafirmar a posição objetal da mulher. Conforme tentaremos expor mais abaixo, Jacques Lacan (1988), de certa forma, concorda com as proposições de Duby ao sustentar que a mulher é posta em lugar de nobre objeto; para ele, no entanto, o lugar de objeto não a deprecia, mas a instala numa condição discursiva de objeto desejado.

De qualquer maneira, a nosso ver, o amor cortês inaugurou um discurso diferente¹⁰, um discurso da poética e quem tem a retórica da cortesia, uma discursividade da poética que tem a retórica da cortesia e os desafios líricos das palavras de amor como pontos centrais. Uma questão que se faz necessária é a de se investigar se o amor cortês, pelo menos em alguns de seus elementos, continua presente nos dias de hoje. Refere-se a uma relação na qual o gozo se funda sobre o interdito suposto por ela: o objeto é desejado justamente por ser inatingível, interditado. O autor interroga a relação homem-mulher através do que intitula de “estratégia amorosa de espera” no amor cortês, interrogando que amor é esse cuja arte de amar é, na verdade, “uma técnica sutil de não amar”. Na ânsia de alcançar o amor perfeito o amante não ama, fica sempre à espera do amor ideal. Podemos dizer com Rey-Flaud que a estratégia de inserir a Dama no lugar impossível fundamenta e explica a procura do puro amor na literatura dos trovadores ou mesmo no amor impossível na neurose. É sabido que o amor passa por transformações em função das mudanças psicossociais; é sabido também que o amor nunca aprende e nunca se deixa apreender. Podemos pensar que “o amor

cortês” seria um dos possíveis nomes do amor na contemporaneidade? Seriam também os desamores um modo de denunciar a maneira se organizam as parcerias contemporâneas? Tais parcerias são assim tão precárias, ou o ser humano continua a esperar o surgimento de um novo amor ou de um amor reinventado?

É certo que o amor cortês encontrou acolhimento e serviu como referência ao romantismo e ao pré-romantismo. Um exemplo: o do escritor Goethe, que o utiliza alguns de seus elementos ou características para construir em seu romance *Die Leiden des jungen Werthers* (Os sofrimentos do jovem Werther) uma escolástica do amor infeliz. Como esclarece Rougemont (1988), o amor cortês é o predecessor do amor-paixão romântico, sobretudo no que diz respeito ao culto ao sofrimento. Segundo Lacan (1960), diversos termos definem o registro em que são obtidos os “valores da Dama”, termos que apontam para as normas reguladoras das trocas do rito cortês, tais como recompensa, clemência, graça e felicidade e que se apresentam, embora de formas diferenciadas, no romantismo e no pré-romantismo.

Sublimação e fingimento: paradigmas do amor cortês?

Jacques Lacan (1988) defende que o amor cortês é um jogo idealizante no qual a dama é posta no lugar do ideal e, certamente, sustenta ele, o modo cortês de considerar o amor deixou vestígios que chegaram à atualidade. A afirmação lacaniana, porém, provoca nosso questionamento sobre a presença do amor cortês na atualidade.

Para Lacan, as incidências do amor cortês “[...] são totalmente concretas na organização sentimental do homem contemporâneo, e aí perpetuam sua marcha”. Na arte inaugurada pelo trovadorismo, a mulher, nomeada de Dama, torna-se suserana e o homem seu vassalo. No entanto,

10 Concordamos com a crítica que Costa (1999, p. 40) faz à ideia desenvolvida por Rougemont de que o amor cortês “... não pode ser reduzido à simples descrição de busca masoquista do sofrimento” ou somente a perspectiva do amor-abandono que corrobora com esta tese. O amor propriamente cortês e o serviço de amor apresentam a perspectiva do amor carnal e a renúncia à posse do objeto de desejo implica em uma “espiritualização sublimada”, pois a promessa da posse do objeto encontra-se sempre presente.

para que o trovador se converta em amante, três estágios ou etapas precisam ser cumpridas, a saber: (i) Aspirante, que se consome em suspiros; (ii) Suplicante, aquele que ousa pedir; e, por fim, (iii) Amante. No seminário sobre a ética, Lacan aproxima esses três estágios da arte trovadora às técnicas de retenção, de suspensão e de amor interruptus, comparando-os aos prazeres reconhecidos como preliminares. De acordo com a chave de leitura oferecida por Lacan, os códigos do amor cortês levam a uma inibição do sexual e a instalação de uma representação da mulher como indecifrável e inacessível. Seguindo orientação semelhante, Lacan (1972) sugere que o amor cortês comporta algo de fingimento por se tratar de uma maneira refinada de suprir a não-equivalência da relação sexual, pois, fingia-se que o impedimento à relação sexual se devia ao inacessível do objeto da mulher. Acreditamos, porém, que não se trata apenas da inacessibilidade do objeto que está em jogo na cortesia: nela há todo um código de vida bem articulado que inaugurou uma técnica erótica, prescrevendo modos de beber, falar, tocar o outro, beijar, dentre outros, e que estão presentes em diversas eróticas, como a hindu, compilada no Kama Sutra, a título de exemplo.

Todavia, a perspectiva lacaniana acerca do amor cortês na literatura pode ser vista como um “paradigma da sublimação” aqui é levado em conta, uma vez que as variadas demonstrações artísticas dão testemunhos disso. Conforme já apontado anteriormente por nós, os trovadores medievais, em seus atos de cortesia, exaltavam o objeto feminino e a mulher era elevada à dignidade da Coisa. Desse modo, tanto nas operações de cortesia quanto em outras manifestações associadas ao campo da arte, o objeto da sublimação é um objeto edificado de maneira Imaginária, lançando mão de recursos Simbólicos para evidenciar uma falta própria do Real, de *das Ding*. De acordo com F. Regnault, “[o vazio] é da ordem do real, e a arte utiliza o imaginário para organizar simbolicamente esse real” (REGNAULT, 2001, p.30). nesse

movimento borromeano, a arte, ao capturar o objeto, deixa aparecer o furo de *das Ding*, aquilo que sendo *estranho* é, ao mesmo tempo, íntimo-familiar. No mesmo caminho proposto por Regnault, Ram Mandil assevera:

O que define a sublimação é a possibilidade do objeto, definido a partir da relação narcísica (imaginária), recobrir o campo de *das Ding*, campo visado pela pulsão. A sublimação se definirá pela possibilidade de abordagem desse campo referencial, sem que isso implique em substituição ou mesmo supressão. (MANDIL, 1993, p.69-70)

De acordo com Ovídio em *A Arte de Amar*: “o amor deve ser regido pela arte”. Talvez seja nessa proposição é que se encontra a “fórmula do amor cortês”. De certo modo, lacan assentase nessa proposição ao retomar a ideia de que o amor cortês é um ideal surgido na sociedade feudal centrado em princípios de uma moral, jogos e regras comportamentais e de condutas sustentados por uma erótica. Nesse movimento, o objeto feminino é alocado enquanto objeto privado e inacessível, o que talvez, por sua suposta condição de objeto raro, lhe conferia maior valor. Ora, por outro lado, ao que Lacan denomina de ideologia do amor cortês, há um caráter destacadamente narcísico em que a dimensão especular, por se colocar com um espécie de muro, contribui para tornar o objeto ainda mais inacessível. Em razão disso, Lacan declara que o “amor cortês é uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência de relação sexual, fingindo que somos nós que lhe pomos obstáculo”. Dito de outra maneira, o amor cortês é, assim, um modo de evidenciamento da inexistência da relação sexual.

Em O seminário, livro 20: mais, ainda, Lacan (1972-1973) afirma que o amor cortês é forma de dar conta da impossibilidade da relação sexual. Segundo o autor: “o amor cortês é uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência de relação sexual, fingindo que somos nós que lhe pomos obstáculo” (Lacan, 1972-1973, p. 94). Nesta

perspectiva, o amor cortês pode ser considerado como uma suplência à inexistência da relação sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões realizadas acima permitem-nos afirmar que o amor cortês permanece vivo na atualidade? Como apontamento inicial para tal interrogação podemos afirmar que o modelo forjado nos séculos XI e XII e conhecido como amor cortês constituiu o fundamento daquilo que viria a ser o núcleo do amor-paixão presente no Ocidente. Como se constata, no amor-paixão ocidental a retórica da exaltação, em que a poética de elevação do outro amado à um lugar idealizado e os ritos de comunhão com a natureza apresentam-se como condições fundamentais para a realização do desejo erótico intenso, apaixonado, efêmero e, ao mesmo tempo, trágico, tendo em vista que a impossibilidade sempre o acompanha. Por outro lado, a contemporaneidade apresenta laços paradoxais no que diz respeito à vida amorosa em que o sujeito deseja a experiência desse tipo de amor associada à uma liberdade diferente daquela legada pela tradição.

Ainda talvez seja possível sustentar que o amor cortês permanece na atualidade pela presença de uma moralidade introduzida em nossa cultura que serve de referência para o homem na elaboração de suas estratégias de conquista da mulher. De algum modo, o amor cortês legou-nos a lógica de que o galanteio amoroso passa necessariamente pela elaboração de um semblante diverso da dominação e da truculência. Entretanto, o brilho trazido pelo amor cortês baseado no discurso da fidelidade ao outro, deu lugar, ao que nos parece, ao discurso científico associado ao discurso do capital, em que a retórica da paixão deu lugar à eloquência dos hormônios, genes e neurotransmissores. frente à liquidez dos laços sociais contemporâneos,

de certo modo patrocinada pela associação da ciência ao capital, o discurso da fidelidade parece ter perdido sentido ou talvez tenha sido colocado no lugar de objeto abjeto e o amor seja mais um dos objetos cantados pela publicidade e disponível nas prateleiras do *mercado*. talvez, ainda, os poetas de agora continuem a reverberar aquilo que fora cantado pelos poetas de outrora: é que não se faz amor sem palavras.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ CAPELÃO. *Tratado do Amor Cortês*. Introdução, tradução do latim e notas de Claude Buridant. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2002

DUBY, Georges, *La femme, l'amour et le chevalier*. in DUBY, Georges, Ed., *Amour et sexualité en Occident*, Paris, Seuil, 1991.

LACAN, J. (1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. (Lições originalmente pronunciadas em 1959-1960)

LACAN, J. (1972-1973). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LE GOFF, J. *A civilização do Ocidente Medieval*. Trad. de Manuel Ruas. Editorial Estampa. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. v. 2.

MANDIL, R. *Entre ética e estética freudianas: a função do belo e do sublime n' "A ética da psicanálise"* de J. Lacan. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

MILNER, Jean Claude. Les dénis. In : MICHEL, Natacha (org.). *Paroles à la bouche du présent : le négationnisme, histoire ou politique ?*. Marseille : Éd. Al Dante, 1997.

NASO, Ovído. *A arte de amar*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

REGNAULT, F. *Em torno do vazio: a arte à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2001.

ROSA, José Maria Silva. *A Transfiguração Espiritual do Amor Cortês em Bernardo de Claraval*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2010.

ROUGEMONT, D. *L'amour et l'occident*. Paris: Plon, 1988.

SOLÉ, J. *L'amour en Occident à l'époque moderne*, Paris: Albin Michel, 1991.

SLOTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

Submissão: abril de 2021-06-29

Aceite: junho de 2021.